



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA - FEF

O DESINTERESSE PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COM ÊNFASE NO ENSINO MÉDIO

Alan de Souza Barbosa

Brasília-DF
2019

ALAN DE SOUZA BARBOSA

**O DESINTERESSE PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR COM ÊNFASE NO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial
à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física pela
Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília.
Orientador: Dr. Alfredo Feres.

Brasília-DF
2019

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física – FEF

ALAN DE SOUZA BARBOSA

O DESINTERESSE PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR COM ÊNFASE NO ENSINO MÉDIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em Educação Física pela Faculdade de Educação
Física da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Feres.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ – Membro Interno
FEF/UnB

Prof. Dr. _____ – Membro Interno
FEF/UnB

Prof. Dr. _____ – Membro Interno
FEF/UnB

Prof. Dr. _____ – Suplente
FEF/UnB

Brasília, _____ de _____ de 2019.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado saúde, força, ânimo e coragem para superar as dificuldades.

Aos meus pais por terem lutado para me dar toda a educação possível, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

A minha namorada Thayane, ao meu irmão Luan, aos meus amigos George, Luana e Lucas, e a todos os amigos em geral que sempre acreditaram em mim desde o início desta graduação.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que proporcionaram um ambiente propício à evolução e crescimento.

Ao meu orientador, professor Dr. Alfredo Feres, pelo suporte, pelas suas correções e incentivos.

E a todos que de alguma forma fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

Não há conhecimento que não tenha valor.

Edmund Burke

RESUMO

Este presente trabalho procura investigar possíveis fatores que causam desinteresse nos alunos e identificar se há um desinvestimento pedagógico por parte dos professores nas aulas de Educação Física escolar no ensino médio. A metodologia adotada para essa pesquisa foi por meio de um estudo bibliográfico. Os dados deste estudo foram analisados em uma perspectiva qualitativa. Desse modo, este presente estudo propõe-se a contribuir na prática pedagógica dos professores de Educação Física que, com o passar dos anos sentem-se desmotivados ou desinvestidos pedagogicamente.

Palavras-chave: Desinteresse. Desinvestimento Pedagógico. Professores. Alunos. Educação Física. Educação Física escolar. Ensino Médio.

ABSTRACT

This work tries to investigate the factors that cause disinterest in students and in a certain level of pedagogical teaching by the teachers in the Physical Education classes in high school. The methodology adopted for the evaluation was made through a bibliographic study. The data of this study are based on a qualitative perspective. Thus, it is not the present study that aims to help in the pedagogical practice of physical education teachers, with the passage of the years sensitive-demotivated or disinvested pedagogically.

Keywords: Disinterest. Pedagogical disinvestment. Teachers. Students. PE. Physical school education. High school.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	9
2- MAPA DE PESQUISA.....	11
3- OBJETIVOS.....	12
3.1- OBJETIVO GERAL	
3.2- OBJETIVO ESPECÍFICO	
4- REVISÃO DE LITERATURA.....	13
4.1- CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	13
4.2- O DESINTERESSE DOS ALUNOS PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	19
4.3- O DESINTERESSE DOS PROFESSORES PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	23
5- METODOLOGIA.....	31
6- CONCLUSÃO.....	33
7- REFERÊNCIAS.....	36

1- INTRODUÇÃO

No Brasil a Educação Física escolar possui um contexto cultural e histórico esportista, onde visa somente o esporte como conteúdo escolar. Além de vivenciar esse contexto na época em que estudei no ensino regular, observei que o quadro continua o mesmo após ser estagiário em algumas escolas de Brasília-DF durante o curso de graduação em Educação Física-Licenciatura. Através das observações pude notar também que, em cada ano da etapa do ensino regular (Fundamental e Médio) os alunos vão perdendo o interesse em participar das aulas de Educação Física. Com esse modelo de Educação Física nas escolas, muito dos alunos fazem pouco caso da Educação Física escolar e não sentem o desejo de participar das aulas.

É possível notar que há outros motivos para esse desinteresse dos alunos com a Educação Física escolar, como por exemplo o desinvestimento pedagógico por parte do professor, a não valorização da própria escola que não cobra conteúdos voltados para a Educação Física em provas, e sendo assim os alunos e até mesmo os pais, julgam desnecessário tal disciplina, pois ficam mais preocupados em ter um bom desempenho em outras matérias que são consideradas mais importantes tanto pela escola quanto pelos pais ou responsáveis.

Segundo Pirolo (2005), é notável que a área da educação tem sido apontada como uma das mais conflituosas e mais desafiadoras em uma sociedade em constante mudança. Mediante a essa situação o professor de Educação Física não recebe seu devido valor, pois é visto somente como um mero recreador, e por consequência a Educação Física como disciplina não é vista como um currículo importante tanto para os professores e gestores quanto para os alunos.

Para Albuquerque (2009), as aulas de Educação Física na escola, costuma ser vista meramente como um momento de diversão e prática de esporte. Pode-se notar que as prioridades na compra de material pedagógico não têm uma preferência na hora de adquirir (Veem a bola, corda e um espaço vazio) como suficiente para desenvolver as atividades do currículo.

O cenário não têm sido um dos mais favoráveis para a Educação Física escolar devido a todo o contexto histórico em que foi construído, no qual se desprezou importante disciplina para o crescimento e desenvolvimento do ser.

Soares (1996) nos traz um pensamento muito importante quanto ao modelo de Educação Física apresentado por muitos professores nas escolas brasileiras, que é um modelo esportista, tecnicista e sem planejamento.

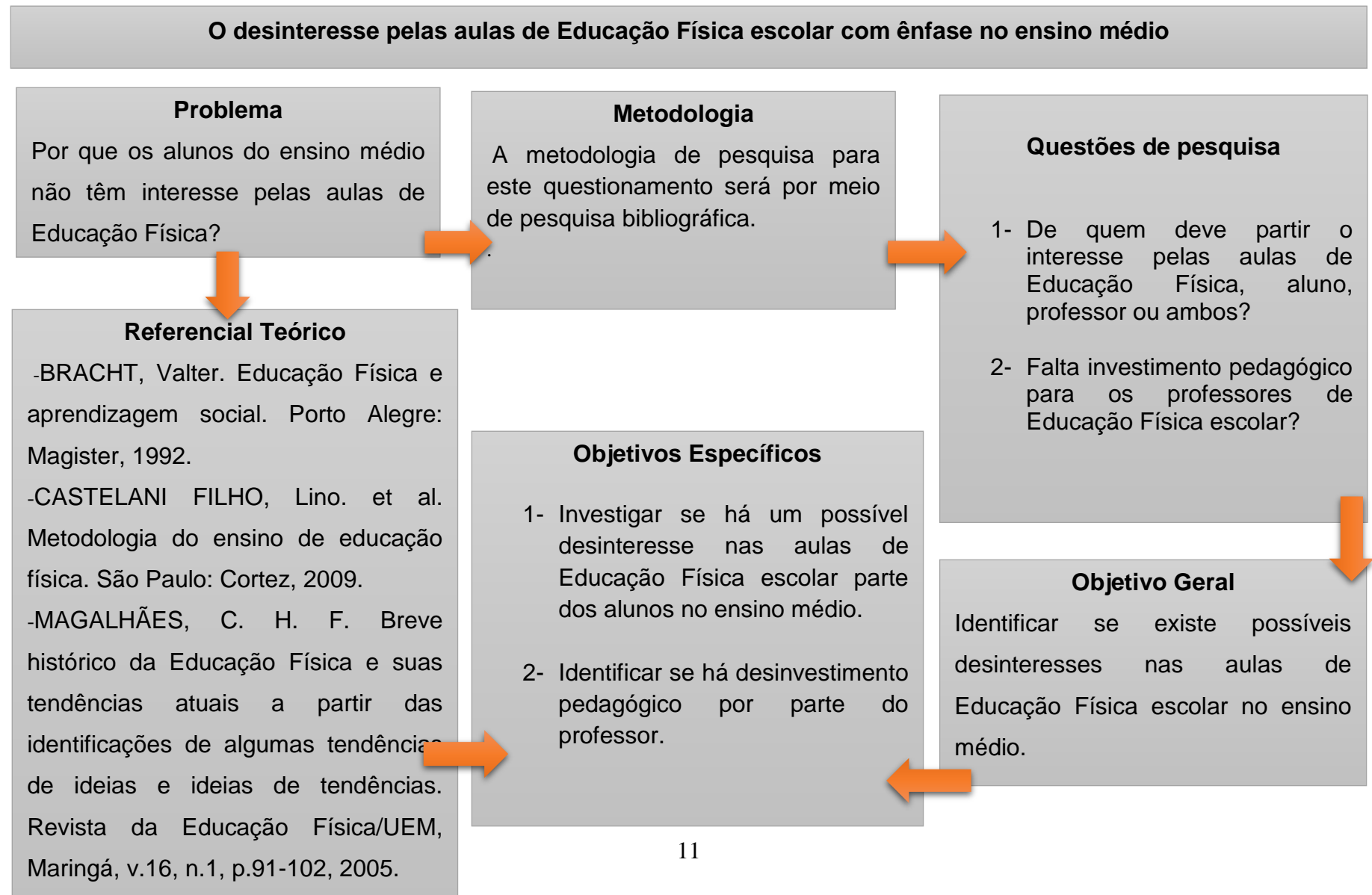
Segundo Soares (1996), a aula de educação física é “um lugar de aprender coisas e não apenas o lugar onde àqueles que dominam técnicas rudimentares de um determinado esporte vão “praticar” o que já sabem, enquanto aqueles que não sabem continuam no mesmo lugar”.

É necessário que haja um planejamento nas aulas e que os professores de Educação Física possam transmitir conhecimento para os estudantes, pois assim poderão compreender o porquê de se realizar tal atividade e não simplesmente repetir movimentos propostos pelo professor.

Faggion (2000) nos mostra o professor como o ponto essencial para demonstrar tal visão nos seus alunos, pois no momento em que o professor adequar os conteúdos propostos respeitando as etapas do ensino, quando deixar de trabalhar os conteúdos que dão ênfase somente aos esportes, podendo então permitir que os alunos compreendam que a educação física na escola não se resume apenas em praticar esportes e que há outras formas de se praticar atividades físicas além do esporte, e por fim quando o professor desenvolver o que tem de melhor em sua ação pedagógica para levar esses alunos a uma reflexão fora do senso comum sobre sua prática, poderá assim proporcioná-los a obterem uma visão criativa, crítica e participativa.

Em suma, por ser a Educação Física é uma disciplina importante e bastante significativa para o desenvolvimento, em diversos aspectos, dos alunos em idade escolar, faz-se necessário pesquisar e esclarecer os motivos que veem acarretando o desinteresse por parte dos discentes e dos docentes nas aulas desta disciplina, essencialmente no Ensino Médio, que é uma fase escolar com características peculiares.

2- MAPA D A PESQUISA



3- OBJETIVOS

3.1- OBJETIVO GERAL

Identificar se existe possíveis desinteresses nas aulas de Educação Física escolar no ensino médio.

3.2- OBJETIVO ESPECÍFICO

A- Investigar se há um possível desinteresse nas aulas de Educação Física escolar parte dos alunos no ensino médio.

B- Identificar se há desinvestimento pedagógico por parte do professor.

4- REVISÃO DE LITERATURA

4.1- CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Muitos são os obstáculos da Educação Física escolar, podemos dizer que esses problemas são desde o início da Educação Física na escola brasileira, ou seja, um problema histórico-cultural.

GONÇALVES et al (2002) Afirma que no Brasil, a Educação Física escolar passou por várias transformações ao longo dos anos. Uma dessas transformações ocorreu entre 1889-1930, onde foi chamada de Educação Física Higienista. A concepção Higienista buscava valorizar homens que fossem fortes, com boas condutas morais, sadios e intelectualmente desenvolvidos para que assim o Brasil pudesse ser desenvolvido.

A educação física no Brasil, desde o século XIX, foi entendida como um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país [...]” (CASTELANI FILHO, 1988, p 39).

Para Castelani Filho et. al (2009), no começo do século XIX, as atividades físicas eram vistas como “remédios”. Sendo assim, os médicos que seguiam a linha de pensamento higienista, receberam um grande destaque.

A Educação Física nas escolas não era lecionada por professores formados na área, mas sim por instrutores do exército e tidas simplesmente como um momento de prática de exercícios físicos, os instrutores agiam apenas como profissionais que deveriam passar uma série de exercícios e nada mais. Como prova podemos citar o discurso de Beltrami:

Por falta até mesmo de formação adequada, muito dos professores, chamados no passado de “instrutores”, aplicavam para as crianças, na escola, exercícios ginásticos praticados nos quartéis (2001, p. 27).

No ano de 1907, foi fundada a primeira escola de Educação Física no país: a Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, fundada pela missão militar francesa, ou seja, tem-se a influência do método francês em nossas atividades físicas, esse método consistia além da preocupação com o corpo anátomo-fisiológico, na gama de qualidades psicológicas e morais a serem desenvolvidas, "essas qualidades teriam ainda por finalidade o alcance da 'saúde', o prolongamento da vida e, conseqüentemente o melhoramento da espécie humana"(SOARES, 1994, p.76). Deixa-se claro que, até esse momento, não houve uma Educação Física teórica ou prática totalmente nacional para ser trabalhada pelos militares.

Em 1939 foi criada a Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil, onde ocorreu a formação dos primeiros professores civis de Educação Física. Essa formação foi marcada com a presença de militares como responsáveis por ministrar o curso, pois, como observamos, era apenas de responsabilidade militar a prática de atividades físicas, que ainda não podemos chamar de Educação Física e sim de disciplinar/condicionar o físico, saber obedecer as ordens superiores era a principal função da Educação Física daqueles tempos.

Segundo Castelani Filho (1988), no Brasil a Educação Física devido a sua ligação com o estilo de vida dos militares se confundia muito com sua história devido aos princípios que regia a ambos, como por exemplo a disciplina. Exemplo claro desta associação já citada, se dá ao fato de que os militares foram grandes influenciadores na formação daqueles que seriam os primeiros professores de Educação Física.

No ano de 1945, a concepção Pedagogista introduziu a Educação Física como uma atividade educativa, isto é, como uma disciplina que se tornaria comum ao currículo das escolas.

Ghiraldelli Júnior (1989) diz que este ponto de vista passou à sociedade a urgência de olhar para a Educação Física, não apenas como uma prática

capaz de trazer um estímulo à disciplina e a saúde dos mais jovens, mas também vê-la como um instrumento pedagógico.

Em seguida ao modelo Higienista, veio a Educação Física Competitivista após 1964, que ficou caracterizada pela superação e pela competição individual onde a ideia de visar futuros campeões olímpicos massificou as escolas com o esporte para descobrir futuras promessas do esporte (GONÇALVES et al, 2002).

Gonçalves (1997, p.135) in Barni e Schneider (1996) afirma o que:

[...] na sociedade brasileira, por exemplo, a Educação Física escolar assumiu funções com tendências militaristas, higienistas, de biologização e de psicopedagogização, tendências ligadas a momentos históricos e que, ainda hoje permeiam sua prática.

Após a Segunda Guerra Mundial, cresceu ainda mais e de maneira muito rápida a influência dos esportes dentro da escola, passando a ser como conteúdo principal nas aulas de Educação Física.

A escola foi considerada como uma extensão das instituições esportivas (CASTELANI FILHO et. Al, 2009). Assim, a Educação Física passa a assumir novamente o papel de outra instituição, e ao assumir esse papel se dá então o surgimento do modelo seguido pelos professores denominado de esporte na escola, que por consequência fica ligado diretamente com a prática de esportes (BRACHT, 1992).

O professor neste período passou a assumir não mais o papel de um professor e sim de um treinador. A contratação do professor passou a ser em função de seus resultados e desempenho esportivo, pois o que definia o papel de um professor deixou de ser relevante (BRACHT, 1992). Com esta proposta, é notável que passou a se olhar apenas o lado técnico das aulas de Educação Física. A função que o professor começou a exercer foi a de encontrar novos talentos para que representassem o Brasil no mundo a fora.

Segundo Darido (1999) a Educação Física passou por um grande debate acadêmico por volta dos anos 80, no qual houve o surgimento de várias linhas de pensamento que tinham em comum o objetivo de mudar o padrão vigente da época, que era o padrão mecanicista.

Mas segundo Darido (2003), apesar da Educação Física passar por um momento de discussão onde surgiram diversas formas de pensamentos para mudar o modelo mecanicista, a tendência permanece a mesma.

Conforme diz Darido:

Os objetivos e as propostas educacionais da Educação Física foram se modificando ao longo deste último século, e todas estas tendências, de algum modo, ainda hoje influenciam a formação do profissional e as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física (Darido, 2003, p. 1).

Para MAGALHÃES (2005), entre 1960 e 1970 as bases da Educação Física escolar é criticada por uma nova geração de professores, pois segundo a visão dessa nova geração, a Educação Física escolar estava com sua base voltada somente para o esporte de alto rendimento.

De acordo com GÓIS JUNIOR et al (2012), mesmo com as bases voltadas para o meio esportivo, o Brasil não se desenvolveu como uma potência no esporte mundial como era o esperado, e isso trouxe sérias críticas por parte do meio acadêmico da área, no qual não concordava com tal visão voltada para o esporte.

Coexistem atualmente várias linhas de pensamento na área que são resultado de diferentes articulações de teorias sociológicas, teorias psicológicas e filosóficas. Essas concepções tinham algo em comum, que era a procura por uma Educação Física onde que se articulasse com as diversas dimensões do ser humano (BRASIL, 1997).

Para Leucas (2012) a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) o mesmo valor atribuído para a Educação Física é atribuído também para os outros componentes curriculares.

Os PCNs concebem a Educação Física como componente curricular responsável por introduzir o indivíduo no universo da cultura corporal, que contempla múltiplos conhecimentos, produzidos e usufruídos pela sociedade, a respeito do corpo e do movimento (BRASIL, 1997, p.15).

A Educação Física escolar no decorrer dos anos tem passado por muitas transformações e através das leis passou a ser obrigatória no componente curricular das escolas, sendo assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n. 9394/1996 artigo 26, § 3º que diz que, a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno.

Porém anos após a conquista da obrigatoriedade da Educação Física escolar como componente curricular, ficou ameaçada por uma medida provisória (MP nº 746) promulgada em 22 de setembro de 2016, onde tal medida visava a reformulação do ensino médio no Brasil, fazendo com que a Educação Física escolar não se tornasse mais obrigatória como componente curricular no ensino médio, sendo sua obrigatoriedade somente para o ensino infantil e ao ensino fundamental. Houve, porém, diversas manifestações no Brasil, onde diferentes entidades ligadas a educação se manifestaram contrárias a essa medida provisória. No campo da Educação Física (assim como nas demais áreas atingidas pela MP) entidades como o Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE), Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (ExNEEF), Movimento Nacional Contra a Regulamentação do Profissional de Educação Física (MNCR), Conselho Federal de Educação Física (CONFEF), dentre outros também se manifestaram contra a MP 746.

Segundo o Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (2016), que aborda o ensino da Educação Física a partir de uma visão e perspectiva mais contemporânea, diz:

[...] essa medida negará aos estudantes a oportunidade de apropriarem-se daqueles saberes que proporcionam a leitura, compreensão e produção das práticas corporais, entendidas como formas de expressão dos grupos sociais. Isso significa a impossibilidade de conhecer, desfrutar e transformar uma parcela do repertório cultural disponível (CBCE, 2016, p. 1).

Após a mobilização nacional, o posicionamento de grandes estudiosos da área e manifestações das entidades ligadas a educação, a medida provisória de nº 746 foi alterada, porém suas alterações segundo a análise de muitos estudiosos, a Educação Física escolar não é contemplada em sua totalidade na organização do currículo indicada pela lei nº 13.415/2017, onde tal legislação descreve assim: “A Base Nacional Comum Curricular referente ao Ensino médio incluirá obrigatoriamente estudos e práticas de educação física, arte, sociologia e filosofia” (BRASIL, 2017).

Segunda Ferreira Júnior et al (2017), o uso dos termos “estudos e práticas” para Educação Física e as demais disciplinas, nos lança a uma perspectiva de não se garantir, para os citados componentes curriculares, um tempo e um espaço definido, tal como é estabelecido para as demais disciplinas. O texto, da forma como está descrito, abre espaço para discussões reduzidas que não abrangem a totalidade dos conhecimentos que cada área disciplinar possui e através da qual os alunos têm direito a aprender. Na prática se poderá utilizar os “estudos e práticas” das disciplinas, que o dispositivo legal menciona, somente como temas que podem ser discutidos por outras disciplinas.

Para Ferreira Júnior (2017), a configuração desse cenário em parte deve-se a própria Educação Física, pois, ao longo da sua trajetória enquanto disciplina presente no currículo da escola, não tendo sido possível desenvolver

um reconhecimento formativo para os jovens do Ensino Médio, embora parte disso esteja sobreposto na gênese dos pressupostos da própria disciplina no âmbito escolar, com necessidades e objetivos diferentes em cada contexto.

4.2- O DESINTERESSE DOS ALUNOS PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

De acordo com Gonçalves et al (2002), as atividades físicas que envolve movimentos como pular, correr, desviar de obstáculos etc., foram desenvolvidas em tempos históricos como forma de superação aos desafios e as necessidades humanas que apareciam no decorrer dos dias.

Gonçalves et al (2002) cita algo muito importante para que compreendamos o quão importante a Educação Física é importante para nossas vidas, fazendo um paralelo com os tempos passados, dizendo:

Para sobreviver e garantir sua subsistência, o homem estava constantemente exercitando-se. Com isso, aprendeu naturalmente a caçar, pescar, nadar, construir, lutar, defender-se - exercícios úteis que lhe permitiam satisfazer as suas principais necessidades, impostas na sua relação com a natureza e com os outros homens. (GONÇALVES et al, 2002, p.1).

Antigamente a Educação Física nas escolas eram ministradas por instrutores físicos do exército e era entendida como uma atividade apenas prática, onde não se tinha professores e sim instrutores, instrutores tidos aqui como pessoas que somente mandam executar movimentos sem dar explicações do porquê de tal prática.

Após essa concepção dos professores estarem ligadas ao militarismo, os professores passaram a ser vistos como treinadores, onde agora a Educação Física escolar passa a ser vista somente como prática de esportes e essa visão da Educação Física escolar como fim para prática de esporte visando o alto rendimento, vem desde a década de 60 e 70, e podemos perceber vestígios dessa época até hoje nas escolas brasileiras, mesmo depois

de ser duramente criticada pelas novas gerações de professores e acadêmicos.

Depois de um longo contexto cultural que trouxe problemas até hoje para a Educação Física escolar, segundo Peres (2001) a Educação Física nos últimos anos busca sua característica e sua adequação no campo acadêmico.

Chicati (2000) afirma que um dos principais fatores que influenciam o aluno do ensino médio a não participar da aula é a constante repetição dos assuntos abordados voltados somente para o esporte. O autor ainda complementa que a dança, a ginástica dentre outros conteúdos, ficam deixados num plano secundário, acreditando assim que esse seja um dos motivos pelo qual os estudantes se afastem da disciplina

Segundo Silva Machado et al (2010), com o decorrer dos anos, os conteúdos repetidos, o interesse pelo vestibular, aliada a uma visão mais crítica das aulas de Educação Física e o interesse em ingressar no mercado de trabalho, tornam-se fatores responsáveis pelo afastamento dos alunos das aulas.

De acordo com a Câmara de Educação Superior da CONFEF nº 07/2004 e do Conselho Nacional de Educação, foi observado que na maioria das escolas públicas do Brasil a participação dos alunos nas aulas de Educação Física é mais efetiva até o início da adolescência, após o início desse período o indivíduo começa a ficar com um pensamento mais crítico e passa a questionar o porquê das coisas e se julgar desnecessário realizar aquilo que é pedido, certamente não o fará.

Percebe-se que é nessa fase do ensino médio que comumente acontece impasse entre alunos e professores e no final as aulas de Educação Física se tornam um ambiente para o lazer, recreação, ou seja, um momento para se distrair das outras aulas e das responsabilidades fora da escola (MATTOS; NEIRA, 2000).

Souza (2008) discorre que a educação física no ensino médio deve proporcionar aos alunos o alargamento, o aprimoramento e a apropriação crítica de conhecimentos sobre o seu corpo, os esportes de modo geral, dentre outros temas. Portanto, em sua visão, esta disciplina deveria integrar-se à proposta pedagógica das escolas como um todo, deixando de ser uma disciplina apenas do fazer e se tornando uma disciplina atenta aos problemas cotidianos relacionados à vida pessoal, social e escolar dos alunos.

Segundo Magill (1984), é necessário que nas aulas de Educação Física haja um fator muito importante para que os alunos despertem interesse pelas aulas, que é a motivação, pois a motivação torna-se importante para que o aluno tenha compreensão do desempenho de habilidades motoras e da aprendizagem adquirida em cada aula, pois ela também ajuda na iniciação, na intensidade e na manutenção do comportamento. Se não houver motivação, as atividades propostas pelo professor serão mal executadas ou até mesmo não serão executadas.

Aprofundando mais o conhecimento acerca da motivação, segundo Pimentel (2017), a motivação pode ser entendida como o gatilho que estimula e conduz uma pessoa a se interessar pela aprendizagem. De acordo com o mesmo autor, a motivação atua de forma bastante significativa na concentração e na atenção durante a execução de alguma atividade ou ação.

Para Adolfo e Sartori (2014) reafirmam que a Educação Física escolar desempenha função muito importante no desenvolvimento do aluno, nas áreas física e cognitiva, além de trabalhar um vasto conteúdo como, por exemplo, os esportes, os jogos, as brincadeiras, as lutas etc.

No entendimento do autor Pizani et al (2016), os alunos motivados intrinsecamente possuem uma maior propensão em realizar as atividades propostas pelo professor na escola em comparação aos alunos que são motivados somente extrinsecamente. Pode-se entender com isso, que a motivação intrínseca é mais benéfica para o processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista que o aluno se sente mais motivado a executar

as atividades propostas, produzindo em si um aprendizado de melhor qualidade.

Para uma melhor compreensão sobre motivação intrínseca, podemos citar a autora Otaviano (2012) com seu estudo de campo em uma escola de Brasília-DF, que traz o seguinte gráfico:

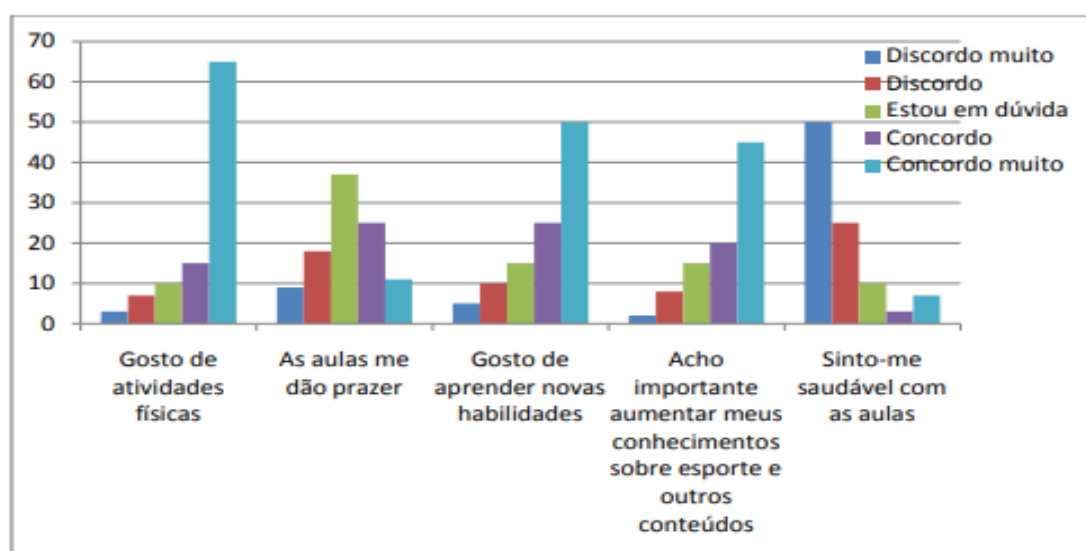


Figura 1- Resultados referentes à primeira questão sobre motivação intrínseca do questionário
- Participo das aulas de educação física por que:

Fonte: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4599/1/2012_FernandaTomazAraujoOtaviano.pdf.

Segundo Otaviano (2012), de acordo com o gráfico, 65% dos alunos participantes da pesquisa assinalaram a opção “concordo muito” com relação à participação nas aulas de Educação Física em virtude de gostarem de praticar atividades físicas. Portanto, cabe aos professores aproveitar esse sentimento existente entre os discentes e promover a eles aulas criativas, diferenciadas, onde o prazer, a socialização e a interação sejam os pontos chaves das aulas.

Apesar de já haver menção no texto, vale ressaltar que, para o aluno do ensino médio os conteúdos mencionados nas aulas, são meras repetições já vistas no ensino infantil e no ensino fundamental. Além disso o estilo adotado

pelos professores, privilegiam aos mais habilidosos, e conforme explica o autor Nahas, a função da Educação Física no ensino médio é:

“A função da Educação Física para o Ensino Médio deve ser a educação para um estilo de vida ativo. O objetivo é ensinar os conceitos básicos da relação atividade física, aptidão física e saúde, além de proporcionar vivências diversificadas, levando os alunos a escolherem um estilo de vida mais ativo. E esta perspectiva procura atender a todos os alunos, principalmente aos que mais necessitam: sedentários, indivíduos com baixa aptidão física, obesos e portadores de deficiências. Neste sentido, foge do modelo tradicional que privilegiava apenas os mais aptos e que não atendia às diferenças individuais.” (NAHAS, 1997, p. 56)

Seguindo o raciocínio dos alunos do ensino médio, Gruppi (1998) afirma que as aulas de educação física perdem o significado no ensino médio, pois se não são percebidas pelos alunos como atividades recreativas e de lazer, são consideradas como uma prática específica como uma atividade esportiva.

Isso implica dizer que falta um melhor planejamento por parte dos professores de Educação Física para a ministração de suas aulas, pois os alunos sentem a necessidade de diversificação dos conteúdos a serem trabalhados. Essas mudanças nos conteúdos são necessárias, e assim poderá trazer uma grande contribuição para a Educação Física, sendo que, além da mudança nos conteúdos das aulas, a construção de conhecimentos e atividades a serem realizadas ou vivenciadas deve ser em conjunto entre professor e alunos, visando um projeto participativo, conforme diz Melo; Ferraz:

Realizar planejamento participativo não é uma tarefa muito difícil, requer envolvimento e disposição de professores e alunos. A realização do planejamento participativo auxilia, também no desenvolvimento da autonomia do aluno, um dos objetivos do ensino médio. (Melo; Ferraz 2007, p.43).

4.3- O DESINTERESSE DOS PROFESSORES PELAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O professor, segundo Magill (1984), é o responsável pela aprendizagem do aluno, sendo assim deverá ter o conhecimento dos fatores que poderão vir a ser bom ou ruim para aprendizagem de seus alunos, visando um melhor aproveitamento e aprendizagem duradoura.

De acordo com Silva Machado et al (2010), um dos fatos que mais chama a atenção no momento atual da prática pedagógica em Educação Física nas nossas escolas é que muitos professores resumem suas aulas a ação a observar os seus alunos na quadra enquanto eles praticam atividades que eles mesmos decidiram entre si ou, então, aquelas que são possíveis em função do tipo de equipamento e material existente (na maioria das vezes, futebol ou futsal, voleibol ou mesmo queimada). Em alguns lugares, esses professores são conhecidos como professores bola e, em outros, como professores rola-bola. São expressões insultantes utilizadas para caracterizar a prática de professores de Educação Física que, por conta de uma série de fatores, muitas vezes, fica reduzida ao ato de distribuir os materiais didáticos aos alunos e sentar-se à sombra para, por exemplo, usar o celular ou ler um jornal. Embora essa figura seja muito presente (talvez de forma crescente), esse fenômeno permanece pouquíssimo estudado, atribuindo-se a culpa, de forma simplista, aos próprios professores (falta de compromisso; preguiçoso; não tem vergonha etc.).

Quando o professor não questiona o “como fazer” e o “porque fazer”, mergulha num equívoco teórico/prático muito grande. Candau (1982, p.15), “[...] se todo processo de ensino aprendizagem é ‘situado’, a dimensão político-social lhe é inerente”. O principal responsável por articular todos esses fatores no processo educativo será o professor.

De acordo com SANTOS (2007) no ensino médio as aulas de Educação Física estão passando por um momento difícil com a evasão dos alunos, pois o conteúdo ministrado pelos professores não vem ao encontro daquilo que os alunos esperam, ou seja, não atende as expectativas deles. Isso está

acontecendo por conta de uma proposta que visa somente o esporte e que não mais lhes proporciona interesse, pois os conteúdos têm sido os mesmos, desde o ensino fundamental.

Segundo Almeida (2007) os procedimentos didáticos pedagógicos do professor também influenciam na qualidade das aulas e, conseqüentemente, na motivação dos alunos. O professor que leva a sério o que faz e que alia a sua competência técnica ao compromisso de ensinar, desperta a criatividade e conduz os alunos à reflexão através do lúdico, pode não ter alunos desinteressados ou desanimados. Ao adotar estes procedimentos, o professor leva grande vantagem sobre as outras disciplinas escolares, pois a Educação Física, por si só é uma prática motivadora e que permite abordar uma grande variedade de temas e assuntos relacionados na maioria das disciplinas existentes no currículo de uma instituição, podendo promover um ensino mais desafiador e interessante para os alunos e professores.

Correia (1996) apresenta uma proposta de planejamento participativo e concepção de currículo aberto para o Ensino Médio. Seu estudo foi realizado em duas escolas públicas do Ensino Médio de São Paulo. Segundo o autor, a Educação Física tem como compromisso uma educação sobre o movimento levando em consideração a realidade que os alunos estão inseridos, para que seus interesses e necessidades sejam atendidos. Assim, se educará para a cidadania, para que dentro do processo possa ocorrer o exercício da reflexão crítica garantindo uma educação para a autonomia.

SANTOS (2007) diz que, muitos professores não possuem mais a preocupação de motivar o aluno, por isso muitas das vezes não planejam as aulas que serão ministradas, não possuem uma finalidade em seus ensinamentos e se tornam o professor “rola a bola”, limitando-se a jogar a bola para que os alunos joguem futebol ou aquilo que lhes der vontade.

A falta de motivação faz com que os estudantes prefiram muitas vezes ficar parado sem ter o que fazer nada ou se dedicar para outras disciplinas em vez de participarem das aulas de Educação Física.

Para González (2018), vale ressaltar que, quando os estudantes chegam na última etapa do ensino regular, como o ensino médio, a única matéria que

não se espera algo novo ou inovador é a disciplina de Educação Física, pois sabem que assim como no ensino fundamental, no ensino médio dará continuidade das mesmas práticas esportivas, como, futebol, vôlei, handebol, queimada e etc., ou seja, o mesmo conteúdo já visto em anos anteriores, e isso nos leva a pensar que além de uma falta de planejamento das aulas por parte do professor, muitos dos estudantes já chegam com um pensamento formado sobre as aulas de Educação Física e carregando consigo uma desmotivação. Esse quadro vem preocupando muitos teóricos da área, levando-os a uma reflexão para compreender qual tem sido a contribuição da Educação Física no âmbito escolar e qual é o seu objetivo de ensino na Educação Básica.

Levando-nos a uma reflexão das atuações da Educação Física no âmbito escolar, González traz uma característica muito marcante e recente nas escolas brasileiras, dizendo:

Apesar de as atuações marcadas por tratar a Educação Física escolar como sinônimo de preparação para as competências escolares terem sido hegemônica num determinado período da história do componente, as atuações caracterizadas pelo “abandono do trabalho docente”, o “desinvestimento pedagógico” parecem hoje ser as mais comuns. Materializada geralmente na forma de uma aula “rola bola”, a principal característica desta forma de atuação é a falta de intervenção do professor durante a aula. (GONZÁLEZ, 2018, p. 3).

De acordo com González (2018), podemos entender por condições objetivas de trabalho os recursos oferecidos pelo sistema escolar para o professor desenvolver suas atividades específicas. Alguns exemplos dessas condições são, a remuneração salarial, o tempo para planejar e refletir sobre seu fazer; o acesso a experiências qualificadas de formação continua; a estabilidade laboral vinculada ao desempenho profissional, o número de escolas a que se vincula na jornada semanal de trabalho, a quantidade de alunos em sala de aula, a infraestrutura e material didático.

Conforme González (2018), de forma geral, podemos afirmar que a insatisfação dos professores de Educação Física com essas dimensões das

condições de trabalho oferecidas nas redes públicas não é diferente daquelas enfrentadas por professores de outras disciplinas. Os professores compartilham a sensação de um descaso ou abandono da categoria por parte do Estado.

Segundo González (2018), fica claro que, além dos problemas de condições objetivas de trabalho comuns ao conjunto dos docentes, os professores de Educação Física possuem alguns problemas que lhe são particulares, majoritariamente, vinculados com a infraestrutura e material didático. Quando analisamos as condições objetivas de trabalho, em que desenvolvem as atividades, professores com atuações caracterizadas pelo abandono do trabalho docente e professores com atuações caracterizadas por práticas inovadoras, não são perceptíveis diferenças particulares. Em outras palavras, não é possível associar condições objetivas de trabalho, em especial, as vinculadas à infraestrutura e material didático, a formas específicas de atuações docentes. Tanto para um grupo como em outro as “queixas” são bastante similares.

González traz a seguinte evidência:

Se evidencia em alguns casos de abandono ou de recuo de práticas inovadoras que vínculos laborais frágeis (contratos temporais ou emergenciais) diminuem a autonomia do professor para sustentar práticas pedagógicas diferentes. Dentro dos casos estudados, percebemos que diretores interessados em serem novamente indicados para o cargo pelo órgão gestor central da rede ou reeleitos pela comunidade escolar, utilizaram seu poder de interferir na nomeação do professor para induzir a manutenção de práticas que não criem “ruídos” no andar da escola ou acarretem descontentamento do “eleitorado” (GONZÁLEZ, 2018, p 12).

González (2018) diz que, nessa linha se percebe, de forma indireta, que professores, tanto com práticas inovadoras como em abandono do trabalho docente, quando são concursados se sentem seguros para desenvolver ambas as atuações. O professor inovador reconhece na estabilidade laboral

mecanismo que dá garantia à sua “autonomia” para empreender mudanças, enquanto o professor em abandono enxerga a estabilidade como instrumento que o protege em seu projeto de “independência”.

Segundo Dessbesell (2014) os professores de Educação Física Escolar que assumem uma postura de comprometimento com suas aulas sentem-se impedidos pelos professores “rola bola” em reverter o quadro de desprestígio da área da Educação Física.

Segundo González (2018), na busca por mais informações e fatores que influenciam o professor a “desistir” das aulas de Educação Física, nos deparamos com um termo inovador, o desinvestimento pedagógico.

Segundo Machado Silva et al (2010), a inspiração para o uso do termo desinvestimento advém da taxionomia elaborada por Huberman (1995). Conforme o modelo adotado por esse autor, o professor enfrenta uma fase de desinvestimento, presente nos períodos finais da carreira docente, no qual o trabalho perde centralidade em sua vida. Sendo assim assume-se aqui esse modelo como uma ferramenta que nos ajuda a pensar um tipo ideal, sem permitir que ele congele ou paralise a própria história de vida profissional e pessoal de cada professor em categorias estanques e regulares.

Machado Silva et al (2010), traz a ideia do desinvestimento não como uma fase, mas como um estado, dizendo:

Expressão disso é o fato de encararmos, ao contrário de Huberman (1995), o desinvestimento não como uma fase, mas sim como um estado, o que nos distancia de uma compreensão do fenômeno como algo dotado de certa cronologia ou linearidade. No caso específico da Educação Física, o desinvestimento, por nós adjetivado de pedagógico, corresponderia àqueles casos em que os professores de Educação Física escolar permanecem em seus postos de trabalho, mas abandonam o compromisso com a qualidade do trabalho docente. (MACHADO SILVA et al, 2010, p. 129-147)

Para Machado Silva et al (2010), o professor o qual é caracterizado em estado de desinvestimento pedagógico é aquele cuja prática recebe denominações como rola bola e/ou como pedagogia da sombra. Geralmente, ele se encontra em estados nos quais não apresenta grandes pretensões com suas práticas, talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma ou nenhuma atividade. Com frequência, converte-se em um simples administrador de material didático, atividade que não exigiria, em princípio, uma formação de nível superior. Outras vezes, assume uma postura de compensador de tempo ou do tédio dos alunos produzido nas outras disciplinas como matemática, português etc.

Segundo estudos de Machado Silva et al (2010), outra característica que se torna marcante, com a qual nos deparamos durante as pesquisas e aulas observadas é que, como consequência do não empenhar do professor ou dessa ausência de pretensão com a prática pedagógica, o que se nota é a configuração de um fenômeno que podemos denominar de não aula. De forma incipiente, pode-se caracterizar esta não aula quando, no tempo-espço designado/reservado para que a prática pedagógica do professor ocorra, este não intervém de forma objetiva-intencional, privando os alunos da possibilidade de acesso à aprendizagem de um conteúdo específico e/ou do desenvolvimento de uma determinada habilidade. Geralmente este espaço pode confundir-se, ainda, com outros momentos nos quais os alunos simplesmente se divertem, como por exemplo, recreio ou aula vaga, sem que haja qualquer diretividade do professor com intenções pedagógicas de aprendizagem.

Segundo Gonçalves (1997, p.36) in Barni e Schneider (1996) o que vemos é:

[...] as aulas de Educação Física não fogem às características gerais das outras disciplinas, em relação ao controle do corpo. Não se constituem em geral, como se deveria esperar, em momentos de autênticas experiências de movimento, que expressam a totalidade do ser humano, mas, sim, desenrolam-se com o objetivo primordial de disciplinar o corpo. Esse

objetivo é alcançado pela realização de movimentos mecânicos, repetitivos, isolados, sem sentido para o aluno, dissociados de afetos e lembranças, presos a padrões e transmitidos por comando pelo professor. O tempo e o espaço são determinados pelo professor, bem como as ações motoras a serem realizadas. Essas em geral são guiadas por um plano, elaborado unicamente pelo professor, distante das experiências de movimentos livres que o aluno tem fora da escola. Desta forma, não permitindo que os alunos formem os seus próprios significados de movimentos, as aulas de Educação Física conduzem-nos à passividade e à submissão, desencorajando a criatividade.

5- METODOLOGIA

Esta pesquisa é caracterizada como estudo bibliográfico e terá como característica o método qualitativo, onde irá contribuir para uma melhor compreensão de fenômenos individuais.

Quanto a pesquisa qualitativa, ela está relacionada no levantamento de dados sobre as motivações de um determinado grupo, em compreender e interpretar comportamentos, opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população.

Cauduro (2004) descreve que a pesquisa qualitativa é aquela onde se procura explorar conceitos, atitudes, comportamentos e opiniões, avaliando sempre que possível os aspectos emocionais e intencionais, utilizando entrevistas individuais, técnicas de discussão em grupo, questionário, estudo documental e observações.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (OLIVEIRA, 2009, p.48)

A análise qualitativa considerará fatores que estão presentes na realidade e nas relações sociais, tais como os valores, as atitudes, as crenças, os motivos entre outros, e que não podem ser quantificados (FONSECA,2002).

Após a entrada no campo de pesquisa e da coleta de dados, se obterá um suporte necessário para entender e explicar se há desinteresses com a Educação Física escolar e quais os motivos para esses desinteresses.

Para a realização da pesquisa foi feito buscas em sites como Google Acadêmico e Biblioteca digital da produção intelectual discente da Universidade

de Brasília (BDM) com palavras chaves como: “Educação”, “Motivação”, “Educação Física”, “desinteresse”, “descaso”, “falta de planejamento nas aulas de Educação Física” e “desinteresse pelas aulas de Educação Física”.

Em seguida foi selecionado artigos e monografias que tinham títulos e assuntos que se enquadrassem no tema proposto desta pesquisa, independente do ano de publicação.

6-CONCLUSÃO

Com esta revisão bibliográfica pôde ser exposto uma reflexão sobre alguns pontos da Educação Física escolar, foi possível também presenciar alguns resquícios na Educação Física escolar da herança tecnicista engessada no método de ensino, mas isto se deve por este dilema histórico e cultural, onde hoje já podemos observar uma Educação Física em desenvolvimento, que vem tentando modificar a maneira de se pensar, que coloca a vivência dos alunos nas aulas como prioridade ao invés de somente priorizar aos alunos que possuem uma certa habilidade desenvolvida.

O âmago deste trabalho compreende a investigação e identificação dos motivos que levam os discentes e docentes do ensino médio ao desinteresse pelas aulas de Educação Física.

Desta forma, considerando que a disciplina em questão possui uma grande influência no desenvolvimento social, biológico e afetivo dos alunos e que interfere na formação do cidadão, constatou-se a necessidade de investigar o problema em questão.

Embora a solução para este quadro não seja algo que deva ser tratado como simples, cada educador deve considerar a realidade em que está inserido para que busque minimizar o problema em questão. Entende-se que é fundamental que outros estudos venham a ser desenvolvidos na educação física escolar a fim de buscar soluções para a não participação dos alunos nas aulas de tal disciplina.

Ao se elaborar o plano de aula anual da disciplina de Educação Física, faz-se necessário considerar aspectos diversos para que as aulas não se tornem repetitivas, monótonas e, conseqüentemente, desinteressantes, tanto para os alunos quanto para os professores. Diante das evidências demonstradas neste trabalho, faz-se necessário uma gestão escolar e uma postura profissional que dê espaço para o diálogo, onde os educadores saibam interpretar e refletir sobre o cotidiano escolar, compreender o que a prática

pedagógica tem a dizer e a oferecer, ou seja, é necessário que haja uma reestruturação no planejamento e realização das aulas de Educação Física.

Essas mudanças são difíceis, mas são necessárias para que os alunos sintam o desejo de participar das aulas de Educação Física e percebam a relevância desta prática, que, por sua vez, deve ser desenvolvida com comprometimento profissional.

Para Rizzotti (2013), a competência para envolver o aluno nas aulas é fundamental, pois o aluno fazendo o acompanhamento de sua aprendizagem, torna-se mais independente e ativo. Com isso, é possível que ele tenha mais interesse pelo o que está sendo ensinado e seja capaz de participar do planejamento das aulas, expondo suas ideias e etc.

Segundo González (2018), as atuações profissionais caracterizadas pelo abandono do trabalho docente não podem ser interpretadas como problemas individuais, passíveis de uma abordagem moralista e acusatória. Diferente disso, trata-se de problema estruturante de nosso campo profissional, não sendo apenas um aspecto periférico ou tão somente consequência de outros problemas e, portanto, deveria ganhar centralidade entre aqueles que têm a Educação Física escolar como campo de pesquisa.

Percebemos também que as aulas de educação física para os alunos são um tempo e espaço de descanso, tempo para fazer outras tarefas demandas de outras disciplinas, fazendo assim parecer que as aulas são livres, para fazerem o que quiserem. Mas não é essa visão que queremos que os alunos possuam referentes às aulas de educação física, e sim que haja um entendimento da sua razão e comprometimento com a matéria que possui as mesmas responsabilidades que qualquer outra disciplina.

Podemos concluir que, de acordo com o quadro encontrado na escola, verifica-se a necessidade de repensar a prática da Educação Física. O professor deve apresentar-se como um mediador ou um facilitador e não apenas como um transmissor de conhecimentos, deve ainda, proporcionar a

construção do saber, relacionando o embasamento teórico com o prático, enfatizar sempre que possível o aspecto social, motor e cognitivo, propiciando aos alunos, senso crítico, autonomia e consciência corporal para o desenvolvimento de atividades que propiciem uma melhor qualidade de vida.

7- REFERÊNCIAS

ADOLFO, J. R.; SARTORI, R. F. **Variáveis de motivação em alunos/atletas de futsal**. EFDeportes. com. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, v. 19, n. 197, out. 2014.

ALMEIDA, Pedro Celso. **O Desinteresse pela Educação Física no Ensino Médio**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, ano 11, n 106, Mar. 2007. <http://www.efdeportes.com/efd106/o-desinteresse-pela-educacaofisica-no-ensino-medio.htm>

ALBUQUERQUE, Igor Valença De. **Dificuldades encontradas na Educação Física Escolar que influenciam na não-participação dos alunos: reflexões e sugestões**. Disponível em: < <Http://www.efdeportes.com/efd136/dificuldades-encontradas-na-educacao-fisica-escolar.htm> > Acesso em: 05 jul. 2017.

BARNI, M.J.; SCHNEIDER, E.J. **A educação física no ensino médio: relevante ou irrelevante?** Instituto Catarinense de Pós-Graduação - ICPG, UNIASSELVI, SC, 1996. Disponível em: < <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-02.pdf>>. Acesso em 28 de junho de 2019

BELTRAMI, Dalva Marim. **Dos fins da educação física escolar**. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 12, n. 2, p. 27-33, 2. Sem. 2001

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL. **Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394/96, 20 dez. 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 1996. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física. Brasília: MEC. 1997.

Brasil. **Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.** Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 fev. 2017. Seção 1, p. 1-2.

CAUDURO, Maria Teresa. **Investigação em Educação Física e esportes: Um novo olhar pela pesquisa qualitativa.** Novo Hamburgo: FEEVALE, 2004.

CASTELANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1988.

CASTELANI FILHO, Lino. et al. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 2009.

CBCE. **Nota de repúdio.** Diretoria Nacional do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; Curitiba, PR, 23 set. 2016. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/noticias-detalle.php?id=1164> Acesso em: 01/06/2019.

CHICATI, K.C. **Motivação nas aulas de educação física no ensino médio.** Maringá, v.11, n.1, p.97-105, 2000

CORREIA, W.R. **Planejamento Participativo e o Ensino de Educação Física no 2o grau.** Revista Paulista de Educação Física. São Paulo: supl. 2,43-48.1996.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões.** Araras, SP: Topázio, 1999.

DARIDO, Suraya Cristina; BETTI, Mauro. **Educação física na escola: questões e reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DESSBESELL, Giliane. **Não sou desse tipo! Professores de educação física e o temor de serem confundido com um “rola a bola”.** Revista

Didática Sistêmica, v. 16, n. 1, p. 100–112, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/redsis/article/viewFile/5122/3167>> Acesso em: 18 de jun 2019

FAGGION, Carlos Alberto. **A prática docente dos professores de educação física no ensino médio das escolas públicas de caxias do sul.** Do corpo: ciências e artes, Caxias do sul, v. 1, n. 2, jul./dez. 2011.

FERREIRA JÚNIOR, José Ribamar et. al. **Reforma do ensino médio, qual o lugar da Educação Física?** XX CONBRACE, VII CONICE, Goiânia-Go, setembro de 2017.

Disponível em:<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2017/7conice/>> Acesso em: 01/06/2019

GÓIS JUNIOR, Edivaldo et al. **Estudo histórico sobre a formação profissional na Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (1980-1990).** Motriz, Rio Claro, v.18 n.2, p.393-400, abr./jun. 2012

GONÇALVES, M. C. et al. **Aprendendo a Educação Física.** Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2002.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica.** Unijuí, Ijuí-RS: Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), 2018.

GRUPPI D R. **Educação Física e o Ensino Médio: um estudo de caso.** In: Anais I Congresso Latino Americano de Educação Física Motora; 1998 out 9-13. Foz do Iguaçu, Brasil.

HUBERMAN, Michael. **O ciclo de vida profissional dos professores.** In: NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores. Porto: Porto, p. 31-61, 1995.

LEUCAS, Claudia Barsand de. **Educação física e inclusão.** Revista **Presença Pedagógica.** V. 18, n.104. março/abril.2012.

MACHADO, Thiago da Silva et al. **As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar.** Revista Movimento. V. 16, n. 02, p. 129-147, abr/jun. 2010.

MAGALHÃES, C. H. F. **Breve histórico da Educação Física e suas tendências atuais a partir das identificações de algumas tendências de ideias e ideias de tendências.** Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v.16, n.1, p.91-102, 2005.

MAGILL, R.A. **Aprendizagem Motora: conceito e aplicações.** São Paulo: Edgar Blucher, 1984.

MELO, Rogério Zaim; FERRAZ, Osvaldo Luis. **O novo ensino médio e a ed. física.** Motriz, Rio Claro, v.13, n. 2, p.86-96, abr./jun., 2007.

NAHAS, M. V. **Educação física no ensino médio: educação para um estilo de vida ativo no terceiro milênio.** In: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4., São Paulo: 1997.

OLIVEIRA, Vitor Marinho. **Consenso e Conflito: Educação Física Brasileira.** 2. ed. – Rio de Janeiro: Editora Shape, 2009.

OTAVIANO, Fernanda Tomaz Araújo. **Motivos que levam ao desinteresse dos discentes do ensino médio do centro educacional (CED) 06 da Ceilândia/DF pelas aulas de educação física.** Monografia (Trabalho de conclusão de curso) Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília. Brasília-DF, p. 38. 2012.

PIMENTEL, E. F. A. **Os educandos da educação de jovens e adultos e as estratégias motivacionais utilizadas no processo ensino aprendizagem.** Rev. Lat-Amer. de Educ., Cult. e Saúde, v.1, n. 1, p. 189-200, Jan-Mar, 2017.

PIROLO, Alda Lucia. **Os professores de educação física e as dificuldades da prática pedagógica escolar.**

Disponível: < [Http://www.nepecc.faeфи.ufu.br/arquivos/simp_2004/6.cultura_cotidiano/6.6_os%20professores_de_ef.pdf](http://www.nepecc.faeфи.ufu.br/arquivos/simp_2004/6.cultura_cotidiano/6.6_os%20professores_de_ef.pdf) >. Acesso em: 05 jul. 2017.

PIZANI, J.; et al. **(Des) motivação na educação física escolar: uma análise a partir da teoria da autodeterminação.** Rev. Bras. Ciênc. Esporte, v.38, n.3, p. 259-266, Jul-Set, 2016.

RIZZOTTI, Ana Beatriz Martins. **O envolvimento dos alunos nas aulas de Educação Física: Um estudo de caso.** Rev. Pensar a prática, Goiânia, v.16, n.3, p. 619-955 jul/set 2013.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física escolar: conhecimento e especificidade.** Revista paulista de educação física, São paulo, p. 6-12, dez. 1996.

SOMARIVA, João Fabrício Guimara. **As dificuldades enfrentadas pelos professores de educação física das escolas públicas do município do Braço do Norte** Disponível: < [Http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_v%20sfp/jo%c3%a3o_somariva.pdf](http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_v%20sfp/jo%c3%a3o_somariva.pdf) >. Acesso em: 05 jul. 2017.

SOUZA, A. S. **Educação física no ensino médio: representações dos alunos.** Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: 2008.